

## Brasil: investidor em ascensão

Carlos Quenan<sup>1</sup>  
Daniela Ordóñez<sup>2</sup>

No decorrer dos últimos anos, o Brasil vem se consolidando como um dos destinos favoritos dos investimentos externos diretos a nível mundial, graças às boas perspectivas de crescimento econômico e à estabilidade política que o país oferece.

De forma paralela, no entanto, os investimentos brasileiros no exterior também se desenvolvem rapidamente, fazendo do Brasil um investidor em ascensão. Favorecidos por políticas governamentais de apoio à internacionalização das empresas nacionais, sobretudo através do Banco Brasileiro de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), os investimentos brasileiros alcançaram níveis consideráveis, principalmente na América Latina e nos demais países do mundo emergente. Ademais, o Brasil conta atualmente com multinacionais de porte global, que se posicionam entre as maiores empresas mundiais e que apresentam grandes perspectivas de crescimento e expansão a nível internacional.

### *O processo de internacionalização das empresas brasileiras*

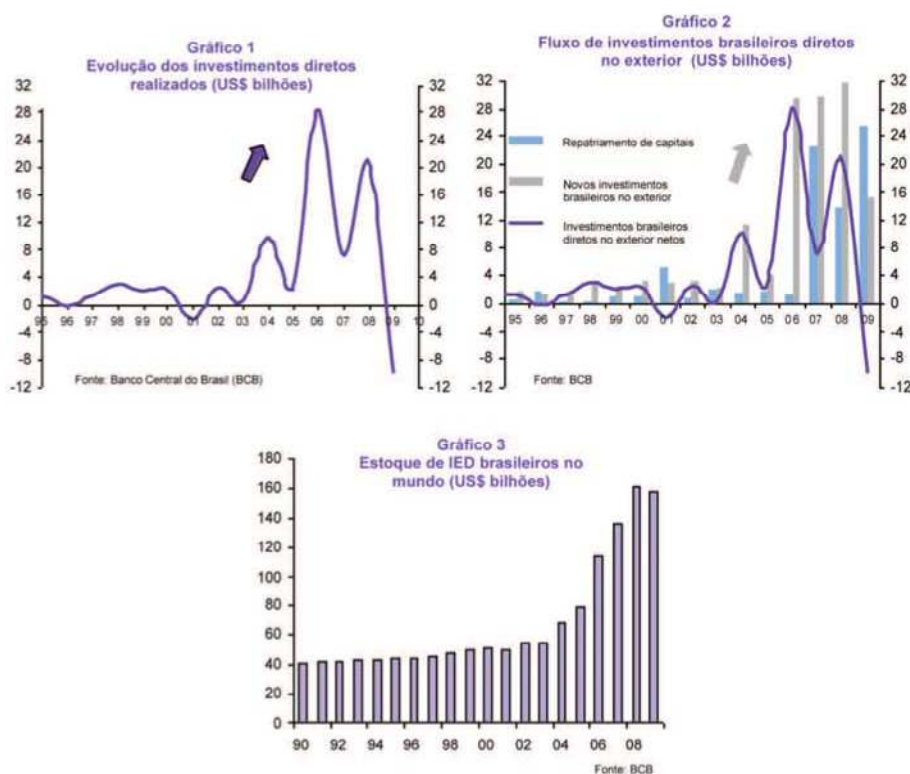
#### *a. Breve histórico do processo de internacionalização*

O processo de internacionalização das empresas brasileiras remonta aos anos 1990, uma vez que a liberalização do comércio a nível mundial levou diversas firmas a se reestruturarem com vistas a se tornarem competitivas frente à concorrência dura das importações. O processo de internacionalização das empresas brasileiras durante os anos 90 teve um caráter essencialmente comercial; a primeira meta das firmas era de se aproximar dos mercados parceiros com o objetivo de apoiar ou favorecer as exportações e as trocas bilaterais. Nos primeiros anos, os investimentos brasileiros no exterior foram destinados a estabelecer parcerias com corretores e seus clientes visando adaptar seus produtos aos novos mercados e garantir uma logística comercial eficaz a fim de reforçar as vias de exportação. Outros fatores foram ganhando importância no decorrer do tempo: a necessidade de conquistar novos mercados ou aumentar a escala da produção, a pesquisa bem como a preocupação com a possibilidade de ter acesso mais fácil à tecnologia e a fontes de financiamento. Do mesmo modo, superar os obstáculos tarifários e não tarifários para aceder a mercados potenciais era uma motivação crescente.

1. Institut des Hautes Etudes de l'Amérique Latine (IHEAL) da Université de Paris 3 Sorbonne Nouvelle e Service de la recherche économique de Natixis.

2. Instituto de Estudos Econômicos do Centre d'observation économique et de recherche pour l'expansion de l'économie et le développement des entreprises de Paris (Coe-Rexecode) .

Contudo, é a partir dos anos 2000 que os investimentos externos diretos brasileiros (IEDBs) começam a progredir de forma acelerada. Apesar da evolução irregular, eles apresentaram de qualquer forma uma tendência ao aumento desde o início da década, e uma aceleração a partir de 2003<sup>3</sup> (gráfico 1)



É possível observar que os fluxos de IEDBs foram negativos nos anos de 1996, 2001 e 2009, o que significa que os repatriamentos de capitais brasileiros foram superiores aos novos investimentos no estrangeiro.

A dinâmica de internacionalização de investimentos das empre-

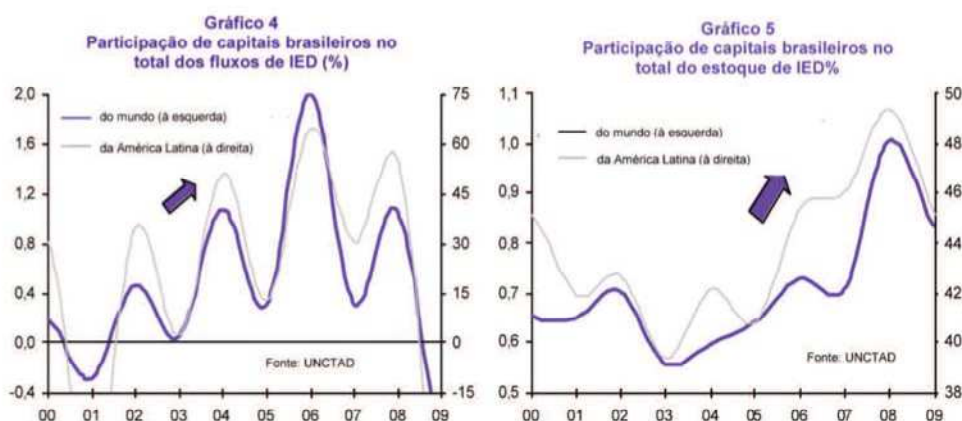
sas brasileiras durante os anos 2000 fica clara uma vez que os novos investimentos realizados pelo Brasil no exterior são analisados separadamente (os investimentos “puros”, excluindo os repatriamentos de capitais – gráfico 2). Esse processo se consolida a partir de 2005, uma vez que as motivações estratégicas das firmas nacionais com vistas a se instalarem no exterior evoluem. Durante os anos 2000 e, sobretudo depois de 2003, o processo de internacionalização mudou sua natureza. Daí para frente, as empresas buscam implantar no exterior complexos industriais

com processos produtivos completos, que não se resumem ao caráter comercial assumido anteriormente. Não é mais o interesse comercial o motor principal da internacionalização das firmas, mas sim o interesse produtivo. Os IEDBs não buscam mais atuar como instrumentos do comércio internacional e das exportações, mas se tornam doravante a fonte de criação de verdadeiras unidades produtivas brasileiras no exterior. Assim, a partir dos anos 2000, o estoque brasileiro de capitais no mundo não parou de crescer, e experimentou uma aceleração a partir de 2003 (gráfico 3).

3. É importante destacar que o avanço que apresenta os fluxos de saída de IEDs em 2004 deve-se principalmente à compra de uma parte importante das ações da empresa belga Interbrew pela brasileira AmBev, na sequência de um acordo de fusão-aquisição que criou a maior cervejaria do mundo.

Essa aceleração traduziu-se em um aumento da parte relativa do Brasil nos fluxos —e sobretudo nos estoques— de investimento estrangeiro direto (IED) a nível mundial e regional. Em termos dos fluxos, apesar da participação do Brasil nos investimentos mundiais apresentar uma evolução muito irregular, ela demonstra de qualquer forma uma tendência ao aumento desde 2002. No nível regional, o Brasil é o primeiro investidor da América Latina: seus investimentos representavam, em 2002, 34% do total dos fluxos regionais de IED, 64% em 2006 e 54% em

2008 (gráfico 4). No nível mundial os capitais brasileiros representaram 0,46% da totalidade de fluxos em 2002, posicionando-se como o 26o investidor na escala mundial. Sua participação ascendeu a 1,99% em 2006, o que lhe valeu a passagem para 13o lugar. Finalmente, em 2008 sua participação foi de 1,06%, ocupando então o 20o lugar. Em relação ao estoque de IEDs, o peso do Brasil estava em 2008 em torno de 1% na escala mundial, e perto de 50% no nível do continente latino-americano (gráfico 5).



### ***Fatores que favoreceram a internacionalização das empresas brasileiras***

Diversos fatores facilitaram os investimentos brasileiros no exterior. As motivações “clássicas” de internacionalização das atividades foram fatores decisivos para acelerar este processo durante os anos 2000 (Correia 2007; Lima e Barros, 2009; Souza, 2009). Na medida em que o tamanho das empresas brasileiras aumenta e elas tornam-se líderes nos mercados locais, elas buscam conquistar novos mercados com vistas a assegurar taxas de ganhos elevadas. A

internacionalização das atividades permite igualmente diversificar os riscos e se tornarem mais sólidas. Além disso, a extensão das atividades no exterior pode abrir caminho para o aumento suas capacidades produtivas. Nos casos específicos das empresas que exploram recursos naturais (como o caso de numerosas transnacionais brasileiras), os investimentos no exterior são indispensáveis para aceder a novos recursos, ainda mais durante os anos 2000 quando a demanda mundial de commodities cresceu muito. Mais especificamente, a demanda asiática —notadamente a chinesa— de matérias primas indu-

ziu as empresas brasileiras (como a Petrobras ou a Vale) a procurar novas fontes de produção.

Assim, a situação das empresas brasileiras mudou radicalmente em relação ao perfil dos anos 90. A economia nacional experimentou mudanças estruturais importantes. A melhora do contexto macroeconômico, tanto a nível nacional quanto internacional, permitiu às empresas aumentarem sua capacidade de investimento. O ciclo de forte crescimento econômico observado a partir de 2003 foi conjugado com uma redução do custo do capital (apesar das taxas de juros domésticos

se manterem elevadas em termos reais) e a um melhor acesso ao crédito, incluindo em divisas. Ademais, a abundante liquidez disponível a nível mundial permitiu às firmas brasileiras de financiar a si próprias mais facilmente nos mercados de capitais internacionais. Ao mesmo tempo, devido à tendência do Real à valorização durante os últimos anos, os ativos no estrangeiro se tornaram mais em conta abrindo espaços para imensas possibilidades de aquisição de sociedades estrangeiras. A valorização da moeda brasileira também estimulou muitas empresas a concentrar suas atividades a nível internacional e a produzir no país de destino, com vistas a reduzir os custos de transação e a oferecer preços mais competitivos.

Além das condições econômicas favoráveis experimentadas desde 2003, as políticas governamentais também contribuíram tanto para a consolidação das empresas nacionais quanto para sua expansão para o exterior. É importante destacar que boa parte das atuais gigantes brasileiras é composta por antigas empresas públicas ou semipúblicas. Nesse caso, as políticas de privatização implementadas na segunda metade dos anos 90 contribuíram para a criação de campeões nacionais. O governo de Lula pôs em prática diversos dispositivos que ajudaram, de forma direta ou indireta, o desenvolvimento para o exterior das empresas brasileiras.

Por um lado, várias medidas que visam sustentar a atividade industrial no país deixaram clara importância da internacionalização das empresas para o desen-

volvimento delas mesmas. A Agência Brasileira de Desenvolvimento Industrial (ABDI), a Agência Brasileira de Promoção de Exportações e Investimentos (Apex), assim como o Ministério de Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (MDIC) apoiaram os investimentos brasileiros diretos no exterior. Embora essas instituições não tenham políticas explícitas para o desenvolvimento de firmas brasileiras no estrangeiro, elas contribuem fortemente a este processo através de suas políticas de apoio à indústria, ao comércio internacional e à inovação. De qualquer forma, elas são importantes fontes de informação para as empresas locais que desejam levar adiante investimentos no exterior.

Por outro lado, o Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) vem desempenhando desde 2005 um papel decisivo no processo de internacionalização das empresas brasileiras

(Alem e Cavalcanti, 2005; Ambrozio, 2008). O apoio à internacionalização das empresas e, como consequência, também aos investimentos brasileiros no exterior, faz parte dos objetivos principais no Banco. No entanto, trata-se de uma política muito recente. Embora os dispositivos já existissem, um real apoio do BNDES à internacionalização das empresas foi bastante limitado até 2002. Nesse ano, uma nova categoria nos marcos do programa de Financiamento a Empreendimentos (Finem) foi criada explicitamente para apoiar a internacionalização de firmas brasileiras. A finalidade é de contribuir para a construção de novas instalações, aquisição, expansão ou modernização das unidades já instaladas ou nas quais as firmas brasileiras possuam já uma participação. Os empréstimos concedidos pelo BNDES nos marcos do Finem aumentaram sensivelmente no decorrer dos últimos anos (gráfico 6).

Gráfico 6  
Empréstimos do BNDES-Finem  
(bilhões de reais)





## Perfil dos Investimentos Externos Diretos Brasileiros

### Destino dos IEDBs

De acordo com os dados do Banco Central, as empresas brasileiras privilegiam o resgate de capitais externos já existentes como estratégia de internacionalização<sup>4</sup>. A parte referente a este tipo de operação no total dos investimentos brasileiros diretos no exterior foi de 83% em 2006 e de 68% em 2008. A chegada da crise, em 2009, teve impacto brutal nos fluxos dos IEDBs. As compras de capitais estrangeiros diminuíram e se contraíram em 67% em relação às de 2008, e os financiamentos intraempresas se tornaram negativos, refletindo a diminuição gene-

ralizada do crédito, notadamente durante o primeiro semestre de 2009 (gráfico 7).

O perfil da participação das firmas brasileiras no capital estrangeiro pode fornecer uma ideia mais precisa das estratégias de internacionalização que elas buscam. Decompondo as participações no capital externo das firmas brasileiras nos últimos anos, pode-se observar que os principais destinos foram os paraísos fiscais (as Ilhas Caiman, as Bahamas, as Ilhas Virgens britânicas e as Antilhas Holandesas). Ademais, é importante observar que os lugares privilegiados que ocupam o Canadá e o Panamá enquanto destino de capitais brasileiros devem-se aos investimentos excepcionalmente concentrados em apenas um ano. Consequentemente, pode-se considerar que os destinos preferidos para investimentos das firmas do Brasil são os Estados Unidos, a Argentina, o Chile, o Uruguai e a Espanha (tabela 1).

A América Latina ocupa assim um lugar importante nas estratégias de investimentos das empresas brasileiras. A esse respeito, o censo feito cada ano pelo Banco Central sobre os capitais detidos por brasileiros residentes no exterior<sup>5</sup> pode fornecer uma percepção clara da importância da região latino-americana no estoque de investimentos brasileiros (gráfico 8). O resultado desse levantamento revela dois fatos específicos. Por um lado, o estoque de investimentos brasileiros na América Latina não parou de aumentar seu valor desde 2002. Isso pode ser explicado não somente pela proximidade geográfica, mas também pelos diversos acordos de liberalização das trocas de bens e de capitais assinados por diferentes países latino-americanos (notadamente o Mercosul, aonde se destacam a Argentina e o Uruguai entre os principais destinos das IEDs brasileiras). Ademais, a região, e mais particularmente os países da América do Sul, é muito rica em recursos naturais, notadamente minerais e

4. As IEDs de um país são compostas por dois tipos de operações. De um lado, encontram-se os investimentos destinados a adquirir ou aumentar o capital social de uma empresa, ou seja, quando a firma residente torna-se proprietária (total ou parcial) de outra empresa no exterior. Isto pode ser feito através da construção de uma nova entidade no exterior ou pela compra de títulos de propriedade (ações) de capitais já existentes. Nesse último caso, é indispensável diferenciar a compra de ações com objetivos de curto prazo (de carteira), dos investimentos diretos. O Banco Central (BC) baseia-se em um critério de porcentagem para diferenciar as participações em ações com objetivos de curto prazo (de carteira), e a participação no capital de uma empresa estrangeira com objetivos de longo prazo (IED). O BC considera que uma empresa brasileira realiza um investimento direto no exterior a partir do momento em que ela adquire um mínimo de 10% do capital social da firma estrangeira. O segundo tipo de IED refere-se aos financiamentos intraempresas, quer dizer, quando uma empresa brasileira abre uma linha de financiamento para um de suas filiais no exterior.

5. Capitais Brasileiros no Exterior (CBE).



petrolíferos, que interessam às grandes gigantes brasileiras como a Petrobras e a Vale (tabela 2).

O segundo fato específico mostra uma diminuição progressiva da participação relativa da região no total de capitais brasileiros no exterior. Essa constatação estende-se para o conjunto dos países em via de desenvolvimento. Efetivamen-

te, o processo de internacionalização das empresas brasileiras apresenta certa diversificação dos destinos de seus investimentos no decorrer dos últimos anos em detrimento de países em via de desenvolvimento e em favor dos países desenvolvidos: a participação relativa dos países industrializados na totalidade do estoque de investimentos brasileiros no mundo pro-

grediu de forma significativa a partir de 2002 (gráfico 9).

No entanto, os resultados contrastam fortemente com o comportamento das maiores transnacionais do Brasil. De acordo com a classificação de 2010 das transnacionais brasileiras da Fundação Dom Cabral<sup>6</sup>, a América Latina detém um lugar privilegiado nas estraté-

Tabela 1

Principais destinos dos fluxos brasileiros de IED na forma de participação no capital

	Acumulado 2006-2008		Fluxo por ano (US\$ bilhões)			
	Montante (US\$ bilhões)	Part (% do total)	2006	2007	2008	2009
1 Canadá	14,6	24,0	14,52	0,002	0,03	0,01
2 Estados Unidos	11,1	18,3	1,00	3,55	4,79	1,78
3 Ilhas Caiman	10,2	16,8	3,18	2,70	2,14	2,22
4 Bahamas	3,5	5,8	1,42	1,00	0,81	0,28
5 Panamá	3,2	5,3	0,05	0,04	3,08	0,06
6 Ilhas Virgens britânicas	3,1	5,1	0,99	0,95	0,71	0,44
7 Argentina	2,7	4,4	1,32	0,53	0,62	0,19
8 Chile	1,3	2,2	0,04	0,69	0,55	0,06
9 Países Baixos	1,2	2,0	0,30	0,12	0,39	0,43
10 Antilhas Holandesas	1,1	1,8	0,07	0,40	0,56	0,04
11 Uruguai	1,0	1,7	0,23	0,23	0,48	0,08
12 Espanha	0,7	1,2	0,24	0,04	0,08	0,38

Fonte: BCB, Notas econômico-financeiras para a imprensa

Gráfico 8

Capitais brasileiros na América Latina

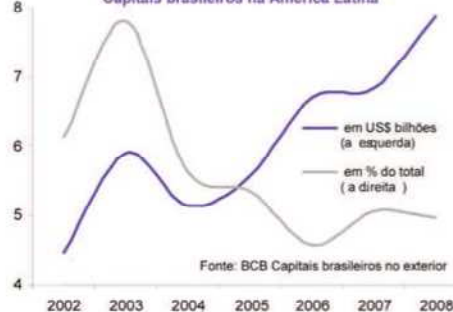


Tabela 2

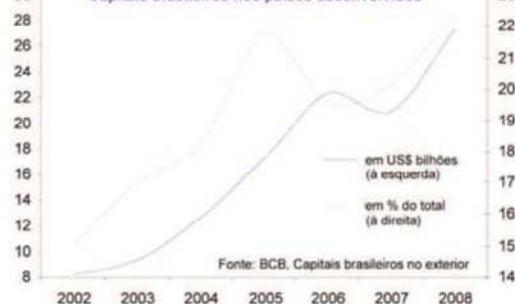
Distribuição dos capitais brasileiros na América Latina

2002			2008		
part (%)	Pais		Pais	part (%)	
36,47	2	Argentina	1	44,71	
1,47	6	Bolívia	9	0,74	
3,81	3	Chile	3	5,30	
0,62	10	Colômbia	4	4,20	
2,24	5	Equador	10	0,42	
2,42	4	México	6	3,58	
0,76	9	Paraguai	8	2,15	
1,15	7	Peru	7	3,17	
50,28	1	Uruguai	2	31,97	
0,79	8	Venezuela	5	3,76	
100,00		Total		100,00	

Fonte: BCB, Capitais brasileiros no exterior

Gráfico 9

Capitais brasileiros nos países desenvolvidos



6. A Fundação Dom Cabral realiza todos os anos um levantamento junto às maiores multinacionais brasileiras com vistas a estudar o processo de internacionalização das mesmas, assim como sua presença no exterior.

gias de internacionalização das maiores firmas brasileiras, e sua importância progrediu nesses últimos anos (gráficos 10 e 11). Em 2009, a América Latina teria sido a região que recebeu maior número de implantações de multinacionais brasileiras no mundo (tabela 3).

Segundo os autores desse levantamento<sup>7</sup>, a consolidação da presença das grandes multilaterais brasileiras na América Latina seria

basicamente resultado das primeiras etapas do processo de internacionalização das firmas. Isso refletiria a influência da proximidade geográfica e cultural nas decisões das primeiras estratégias de internacionalização. De fato, para uma empresa que não tenha tido uma longa experiência no exterior, uma cultura e uma língua diferentes da local poderiam gerar altos custos de transação. Ou seja, uma cultura muito distante atuaria

como elemento desencorajador dos investimentos.

Ademais, é importante destacar que o aprofundamento da política de cooperação que Lula pôs em prática em relação à África dinamizou os fluxos de IEDs brasileiros no continente. Mesmo si a África não represente mais que uma parte pouco importante dos investimentos brasileiros no exterior, os IEDBs no continente afri-

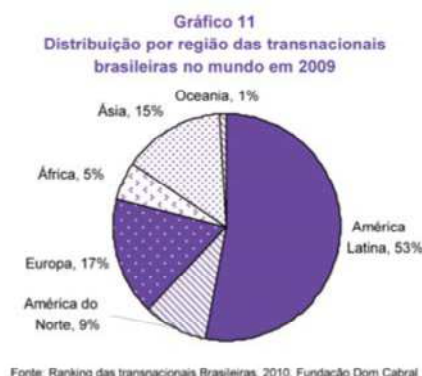
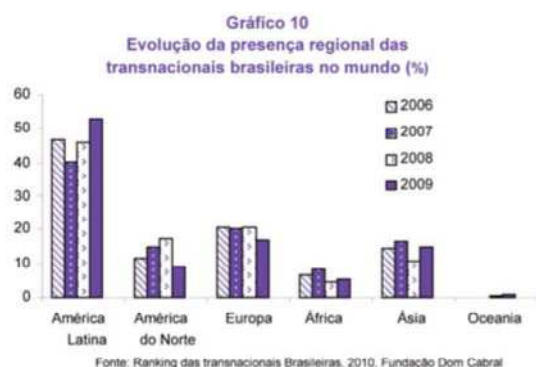


Tabela 3

Presença por região de algumas transnacionais brasileiras no mundo em 2009

Firma	Nº de países	América Latina	América do Norte	Europa	África	Ásia	Oceania	Setor
Vale	33	15%	6%	15%	21%	36%	6%	Extração de minérios e metais
Petrobras	26	38%	8%	12%	19%	19%	4%	Petróleo
Banco do Brasil	23	43%	4%	30%	4%	17%	0%	Serviços Financeiros
Votorantim	21	19%	10%	29%	24%	14%	5%	Produtos minerais não-metálicos
Weg	20	25%	5%	40%	0%	25%	5%	Máquinas de material elétrico
Brasil Foods	20	25%	0%	45%	0%	30%	0%	Produtos alimentícios
Odebrecht	17	47%	6%	12%	24%	12%	0%	Construção
Stefanini IT Solutions	16	50%	13%	25%	6%	6%	0%	Novas tecnologias da Informação
Camargo Corrêa	14	71%	7%	7%	14%	0%	0%	Infraestrutura
Gerdau	14	71%	14%	7%	0%	7%	0%	Siderurgia e metalurgia
Ibope	14	93%	7%	0%	0%	0%	0%	Estudos de mercado e sondagens
Marfrig	12	33%	8%	42%	8%	8%	0%	Produtos alimentícios
Randon	10	30%	10%	10%	30%	20%	0%	Setor automotivo
Totvs	10	80%	0%	10%	10%	0%	0%	Novas tecnologias da Informação
Eletrobras	10	100%	0%	0%	0%	0%	0%	Energia

Fonte: Ranking das transnacionais Brasileiras, 2010, Fundação Dom Cabral

7. Da Fundação Dom Cabral. Disponível em [http://www.fdc.org.br/pt/pesquisa/internacionalizacao/Paginas/ranking\\_transnacionais.aspx](http://www.fdc.org.br/pt/pesquisa/internacionalizacao/Paginas/ranking_transnacionais.aspx)

cano mostram uma tendência ao crescimento (gráfico12).

Isto pode ser resultado da política de cooperação sul-sul lançada por Lula entre outras em relação à África e, principalmente, os países lusófonos africanos ocupam nela um lugar importante. No bojo deste processo, transnacionais brasileiras instalaram-se em diversos países do continente; por exemplo:

- A Votorantim instalou-se em cinco países africanos (África do Sul, Cabo Verde, Marrocos, Tunísia e Moçambique) através de processos de fusões e aquisições.
- A Randon começou suas atividades na Argélia e no Quênia.

•A Weg iniciou suas operações no Sudão e no Senegal.

•Marfrig, Petrobras e Totvs aumentaram suas presenças no continente.

Como complemento, o levantamento da Fundação Dom Cabral põe em evidência o papel que a Odebrecht, empresa brasileira especializada em construção civil, representa na África, afirmando que ela contribuiu para o desenvolvimento socioambiental da região desde o estabelecimento de sua primeira filial em Angola, em 1979. A Conferência das Nações Unidas para o Comércio e o Desenvolvimento (Unctad, do inglês) sublinha igualmente o importante papel da Odebrecht em

Angola destacando que se trata de um dos empregadores mais importantes do país. Além disso, segundo seu último relatório sobre os investimentos mundiais, o Brasil foi um dos principais investidores emergentes na África<sup>8</sup>.

### ***Distribuição setorial dos IEDs***

Em termos de distribuição setorial de IEDs, o Brasil investe tradicionalmente no setor terciário. De acordo com as declarações do Banco Central sobre os capitais de residentes brasileiros no exterior<sup>9</sup>, em 2008 mais de 90% do estoque de capital brasileiro no mundo estava aplicado ao setor de serviços. A indústria representava quase 8%, e o setor agrícola somente 2%. Apesar da predominância do setor de serviços, o setor primário apresenta uma ligeira progressão em sua participação no estoque brasileiro no mundo, assim como a indústria (gráficos 13a e 13b).

Em relação aos fluxos, os IEDBs mantiveram fielmente suas características dos anos 2000, com uma preferência pelos serviços, seguidos da indústria e, por fim, do setor primário. Assim, em 2009 o setor terciário agrupava quase 60% das participações brasileiras em capitais de firmas estrangeiras. O setor industrial recebeu 34% destes investimentos, e o setor agrícola 7%. Observa-se, porém, um progresso do setor primário

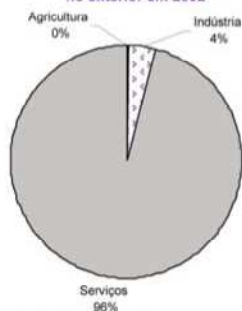


8. World Investment Report, UNCTAD, 2010.

9. Capitais Brasileiros no Exterior (CBE).

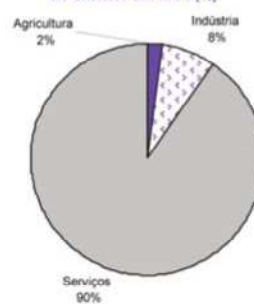


Gráfico 13a  
Distribuição setorial do estoque de capitais brasileiros  
no exterior em 2002



Fonte: BCB, Capitais brasileiros no exterior

Gráfico 13b  
Distribuição setorial do estoque de capitais brasileiros  
no exterior em 2008 (%)



Fonte: BCB, Capitais brasileiros no exterior

em relação a 2007<sup>10</sup> (2%) e do setor de serviços, em detrimento do setor industrial que teve sua participação reduzida no decorrer dos dois últimos anos (gráficos 14a e 14b). As principais atividades nas quais o Brasil investiu em 2009 foram serviços financeiros, a fabricação de produtos alimentícios e a extração de minerais metálicos (tabela 4).

### Perspectivas

O processo de internacionalização das multilatinas brasileiras deve continuar muito dinâmico nos próximos anos. Em um cenário no

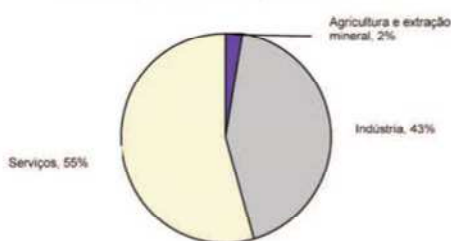
qual o crescimento econômico brasileiro deve ser bastante forte, as empresas disporão de meios para buscar um aumento de seus investimentos no exterior em um contexto em que a maioria das firmas brasileiras tem facilidade de se financiarem nos mercados internacionais de capitais. Atualmente, o Brasil dispõe de multinacionais de porte global que se posicionam como líderes a nível mundial e regional. De acordo com a classificação de 2010 da revista Forbes, 7 empresas brasileiras estão entre as 500 maiores empresas do mundo (tabela 5). Na classificação de 2009 apareciam

apenas 6, eram somente 5 em 2008 e não mais que 3 em 2005.

Além disto, segundo o relatório realizado pela revista América Economia sobre as transnacionais latino-americanas, tomando em conta as 500 empresas mais “globais” da região, 226 são brasileiras. Elas representam 48% do volume total de vendas realizadas durante 2009. De acordo com os resultados apontados no relatório, entre as translatinas com melhores perspectivas de crescimento, 6 são brasileiras (tabela 6).

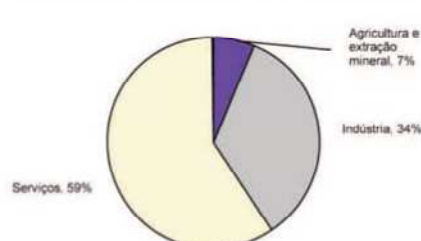
Assim, o Brasil está consolidando sua posição como investidor a

Gráfico 14a  
Distribuição setorial dos fluxos de IED brasileiros na  
forma de participação no capital em 2007 (US\$)



Fonte: BCB, Saída de investimentos brasileiros diretos

Gráfico 14b  
Distribuição setorial dos fluxos de IED brasileiros na  
forma de participação no capital em 2009 (US\$ bilhões)



Fonte: BCB, Saída de investimentos brasileiros diretos

10. Os dados sobre a variação setorial dos fluxos de IEDs brasileiros no exterior estão disponíveis apenas a partir de 2006. Nesse ano, o setor agrícola foi o primeiro destino de fluxos de IEDs brasileiros. Representou 66% dos fluxos de investimentos diretos, seguido pelo setor de serviços (20%) e depois pela indústria (14%). No entanto, isto é um fato excepcional, devido a um investimento massivo no setor agrícola ocorrido neste ano. BC, Notas econômico-financeiras para a imprensa, Sector externo.

Tabela 4

Distribuição por atividade dos fluxos de IED brasileiros em 2009 (US\$ milhões)

<b>Agricultura e extração mineral</b>	<b>519</b>
Extração de minerais metálicos	362
Extração de petróleo e gás natural	135
Outros	22
<b>Indústria</b>	<b>2 666</b>
Produtos alimentícios	842
Produtos químicos	501
Metalurgia	319
Outros	1 004
<b>Serviços</b>	<b>4 646</b>
Serviços financeiros	1 972
Holdings não financeiras	1 278
Transporte	358
Outros	1 038
<b>Total</b>	<b>7 831</b>

Fonte: BCB, Saída de investimentos brasileiros diretos

Tabela 5

Firmas brasileiras entre as 500 maiores do mundo

Firma	Classificação	Receitas 2009
Petrobras	54	91,9
Itaúsa-Investimentos Itaú	117	57,9
Banco Bradesco	135	51,6
Banco do Brasil	148	48,1
Vale	363	23,1
Ultrapar Holdings	471	18,0
JBS	496	17,1

Fonte: Forbes 2010

Tabela 6

As 10 "Translatinas" possuidoras de maior potencial de crescimento internacional

Firma	Potencial de crescimento na dimensão internacional	País	Setor
1 Vale	96%	Brasil	Minerais e metais
2 Petrobras	95%	Brasil	Petróleo
3 Itaúsa-Investimentos Itaú	91%	Brasil	Serviços financeiros
4 Gerdau	82%	Brasil	Siderurgia e Metalurgia
5 JBS	78%	Brasil	Alimentos
6 Telmex	78%	México	Telecomunicações
7 Cemex	78%	México	Construção
8 PVDSA	78%	Venezuela	Petróleo
9 Andrade Gutiérrez	77%	Brasil	Consultoria
10 FEMSA	76%	México	Bebidas

Fonte: América Economia, "Ranking Multilatinas. Las Empresas más globales", 2010

nível mundial particularmente graças à rápida expansão de multinacionais de porte global; os investimentos brasileiros no exterior estão crescendo rapidamente. Espera-se que essa tendência continue e inclusive se fortaleça nos próximos anos fazendo do Brasil uma potência em termos de investimentos.

## Referências

Banco Central, *Notas econômico-financeiras para a imprensa, Sector externo*, disponível em <http://www.bcb.gov.br/htms/infecon/notas.asp?idio=ma&id=ecoimphist>

Banco Central, *Capitais Brasileiros no Exterior (CBE)*, disponível em <http://www.bcb.gov.br/?CBE>

Ranking Multilatinas, *Las Empresas más globales (2010)*, América Economía, disponível em <http://rankings.americaeconomia.com/2010/multilatinas/>

UNCTAD, *World Investment Report (2010)*, disponível em [www.unctad.org/WIR](http://www.unctad.org/WIR)

Fundação Dom Cabral: <http://www.fdc.org.br>

Banco Central do Brasil: <http://www.bcb.gov.br/>

Revista Forbes: <http://www.forbes.com/>

Alem, Ana C. e Cavalcanti, Carlos Eduardo (2005) "O BNDES e o Apoio à Internacionalização das Empresas Brasileiras: Algumas Reflexões". *Revista do BNDES*. Vol. 12, n. 24, pp. 43-76.

Ambrozio, Antonio Marcos (2008) Entendendo o investimento brasileiro direto no exterior, *Visão do Desenvolvimento*, n.52, BNDES, pp. 1-7.

Corrêa, Daniela e Gilberto Tadeu Lima (2007) Internacionalização produtiva de empresas brasileiras: caracterização geral e indicadores, *Informações Fipe*, n. 319, abr.

Souza, Amaury de, A (2009) *Agenda internacional do Brasil. A política externa brasileira de FHC a Lula*, Rio de Janeiro, Campus/Cebri/Elsevier.

Lima, Luís Afonso e Barros, Octavio de (2009) The growth of Brazil's direct investment abroad and the challenges it faces. *FDI Perspectives*, n.13, Columbia, ago.